

POR QUE ELA NÃO TÁ NEM AÍ PRA SUA INSURREIÇÃO

“Why She Doesn't Give a Fuck About Your Insurrection”, 2009

traduzido por Ação Antisexista
copyleft 2013

anarcopunk.org/acaoantisexista
acaoantisexista@subvertising.org

Uma noite de segunda-feira. Nova Iorque. Um bar vazio.

Para quem chega de viagem: “Como estava em Bloomington?”

“Tava ok. Tá todo mundo obcecado com esses livros franceses, O chamado e A Insurreição Chegando. É chato porque parece que eles esqueceram tudo sobre o feminismo e anti-racismo que a gente tem colocado para eles durante os últimos cinco ou sejam lá quantos anos.”

Leijia ri: “Eu te entendo.”

“Não, você não tá entendendo. Todo mundo! É esta coisa insurrecionalista ridícula.”

Leijia e eu nos olhamos quase em êxtase, “Não, nós sabemos exatamente do que você está falando.”

As mulheres concordam: está a ponto de explodir.

Já começou a se dismantelar. Você começa a cantar “Da calçada, para o futuro!”¹ mas ainda não entende porque estamos convencidas de que nossos futuros não vão convergir assim tão cedo.

Nós estamos gritando da mesma calçada, mas enquanto você vê potencial nas ruas e nos idiotas liberais sendo intimados a confrontar sua passividade, eu percebo as identidades por trás dos corpos que se mantêm dóceis comparadas com aqueles que descem do cordão e vão para as ruas.

Talvez a vida no cotidiano permaneça insignificante e longe de salvação, mas quando a vida no cotidiano está sufocando nossas capacidades de participar numa luta por libertação, não faz sentido tratar ela como irrelevante. Nós não estamos vivendo um caso isolado de resistência: se a história já não pode nos ensinar mais nada, nós deveríamos no mínimo perceber que nossos objetivos devem incluir *todas* formas de libertação.

Foda-se sua coragem somente para lutar com policiais, foda-se a festa de lançamento do livro *The Coming Insurrection* de Nova Iorque, foda-se as especificidades de todas coisas que criaram motivo para que este texto fosse escrito. Vamos falar sobre retificar a pseudo-divisão entre o “anarquismo insurrecionalista” e “políticas de identidades” re-unindo barricadas e pernas não depiladas, juntando riot e grrl.

Eu não estou sugerindo que ao começar uma horta vai se iniciar uma revolução ou que nós deveríamos ficar fora das ruas para falar sobre o patriarcado. Mas se você dá uma mínima importância em tornar isso sustentável e não cagar na cabeça de 52% da população, nós precisamos levar isso em conta e mudar as políticas do anarquismo insurrecionalista para a libertação *total*.

Por Que Ela Não Tá Nem Aí Pra Sua Insurreição é um texto que fala sobre machismo num contexto específico de Nova Iorque, na cena anarquista insurrecionalista da qual a autora faz parte. Ela faz uma crítica sobre como o machismo está presente mesmo neste contexto, pois as mulheres enfrentam a opressão do patriarcado fora, mas também dentro de espaços anarquistas/libertários. Poderíamos dizer espaços supostamente anarquistas e libertários e não estaríamos sendo radicais, apenas sendo coerentes, pois não é possível que nestes espaços o machismo seja aceito, que seja uma opressão praticada como normalidade ou mesmo “apenas” ignorado. Não é possível ignorar o machismo. Isso só acontece porque existe interesse em manter as mulheres sob domínio dos homens. Lendo o texto percebemos que é uma situação análoga as cenas das quais nós também nos encontramos. Boa leitura.



Eu tinha visto ele mais cedo e podia jurar que ia brigar com ele no fim da festa.
Obrigada por me evitar duas vezes esta semana.”

“Eu tenho estado ocupado, desculpa. Estamos aqui agora. O que você queria falar?”

“Eu fiquei sabendo que você disse que o feminismo desvia da totalidade.”

“Não, eu disse que o feminismo tem que ser visto considerando o seu contexto histórico.”

“Eu to me lixando para o contexto Histórico! Eu me importo é com as formas em que o patriarcado se manifesta agora: conversar sobre coisas como Hegel não vão resolver o fato de que pessoas estão sofrendo abuso e violência aqui e agora.”

Semana passada, Anarcas na Inglaterra invadiram um encontro usando máscaras², gritando coisas sobre sexismo, enquanto os caras falavam em focar no Homem. Vocês dizem que nós deveríamos focar na totalidade³, mas o que significa isso quando a totalidade permite a manipulação biopolítica e a exploração do corpo das mulheres?

A totalidade não se manifesta somente no padrão; ela está presente em toda a opressão que as mulheres têm que lidar todos os dias. Você diz que ele é um “cara legal”, um “bom articulador” - bem, talvez ele seja, mas se ele é um anarco-estuprador em série, então estou cagando pra ele. Você percebe a totalidade quando a polícia te dá uma surra *depois* de você decidir por lutar – eu percebi isso no caminho do trabalho ontem, na festa ontem à noite, no seu quarto esta manhã, e em cada cozinha que nós já compartilhamos.

A palavra totalidade é quase perfeita por ser etimologicamente capaz de abordar o fato de que o poder existe nas esferas política, social e individual. Uma totalidade não é fundamentalmente inevitável; nós todos procuramos criar pontos de contenção e através disso, libertação – *apesar* da totalidade em todas as coisas. Mas quais definições de conflito e de libertação são aceitas como válidas, e quais são desconsideradas? E quem define totalidade, e suas manifestações e desvios?

Talvez nós devêssemos reconhecer a forte defesa aos “espaços seguros” como tão liberatória quanto os protestos – pelo menos para nos livrarmos das correntes de toda a manipulação sociopolítica e lutar para nos libertar coletivamente de todas as opressões e expectativas da sociedade moderna.

Talvez nós devêssemos questionar as bases da libertação que queremos alcançar: se você lê coisa do tipo “quanto mais anônimo eu for, mais presente eu estarei”⁴, o que isso realmente quer dizer? Que eu devo deixar minhas emoções e experiências que me fazem ser quem eu sou no processo de me tornar um agente revolucionário?

É minha *insatisfação* que me leva às ruas, é o meu *ressentimento* que atira o tijolo, é a minha *vontade* que torna as noites na prisão suportáveis – e estas emoções não vêm de lugar nenhum. São todas as emoções além de raiva nihilista inválidas e antirrevolucionárias? Porque se elas são, a lucidez e a libertação que eu encontro nelas também são.

E se você aceita estes sentimentos como válidos, então por que você não acha válida a urgência com a qual eu busco por retribuição para todas as injustiças que a totalidade traz, *incluindo* o patriarcado? Quando você houve falar de trabalhadores em greve, você não exige prova das injustiças dos patrões – ao invés disso você pergunta como você pode apoiar da melhor forma os trabalhadores. Por quê diabos não te ocorre de perguntar a mesma coisa quando você fica sabendo que um cara foi denunciado por abuso ou estupro?

Dizem que a totalidade continua expandindo seu esquema de manipulação – e claramente, feministas revolucionárias lutam contra isso tanto quanto você, considerando que nós mesmas somos parte de uma força material *heterogênea* contra *todas* as formas de controle social. E as “feministas” exigindo pagamentos iguais pelos seus salários de escravas? São nossas inimigas tanto quanto são suas.

“É, nós estamos tentando entender porque somos tão indiferentes com as mulheres e com as pessoas de cor.⁵ Mas nós fazemos isso bebendo cerveja, o que criou o problema em primeiro lugar. É só que nós nunca pensamos em chamar as mulheres para sair junto no nosso círculo social de caras para falar sobre política ou o que for.”

“Se você acha que o problema é o que vocês todos pensam, então você tem uma percepção totalmente distorcida da realidade. O problema não está em vocês falarem sobre estratégias bebendo cerveja. Está em que o fato de vocês beberem – ou o jeito que todos vocês fazem isso – é excludente. O problema é que vocês não estão nem aí para política porque estão mais interessados em pegar alguém quando tem mulheres na sala. É que nenhum de vocês dá a mínima importância para tudo o que nós estamos fazendo *fora* tentar começar algum tipo de insurreição. É que vocês apenas não estão nem aí mesmo, ponto.”

Não vale a pena mencionar que a sexualização de cada mulher na cena constitui na manifestação do patriarcado. Mas não podemos ignorar o fato que *qualquer* crítica já levantada contra homens radicais brancos sempre volta com uma vingança...saco, não deu para se perceber isso na primeira – ou segunda, ou terceira vez que isso aconteceu?

Para ser bem clara, eu não estou tentando colocar algum tipo de neofeminismo ou bobagem de essencialismo que sugere que toda ação direta é uma forma de violência enraizada no patriarcado, ou que violência é coisa de macho, ou que lutar em si é de alguma forma algo “masculino”.⁶ Talvez o pior resultado de tais reducionismos é que eles colocam essas ferramentas – táticas, ações, estratégias – em um domínio específico que é inteiramente masculino. Ferramentas que são, na verdade, objetos para serem usados, e não sujeitos agentes.

Porém, enquanto você pode dizer o que você quiser sobre aspectos emocionais dos protestos (“toda negatividade que vem à cabeça”⁷, etc), existe um niilismo masculino simplista baseado na *falta* de emoção que envolve a destruição cega e sem sentido. *Esta* é a parte macho: a *ausência* de sensibilidade subjetiva. O niilismo: quebrando as janelas de carros não luxuosos parados na rua.

Não é sua porcaria de pênis. É a ideia de que homens não choram. São os efeitos da desemocionalização da socialização masculina, que por sua vez faz com que sejam totalmente desnecessárias as preocupações emocionais – “femininas”.

Vocês lembram da segunda ocupação na Escola Nova, onde nós entramos às 5 da manhã, e dezenove pessoas foram presas? Lembram que tinham apenas 4 mulheres junto? Eu não acho que a *ação* tenha sido excludente às mulheres. Ao invés disso, foi a completa falta de diálogo *sobre* a ação e suas subjetividades. Assim como quando dizem coisas como “não seja mulherzinha!”⁸ ao invés de ao menos tentar cuidar das pessoas que você conhece – ok, talvez não seja a insurreição em si, mas apoiar as pessoas na sua comunidade vai diretamente contra a noção mercantilizada de “cuidado” que temos.

Mas à merda com os mimos, a ação em si precisa também ser falada. Jogar caixas de jornal nas ruas faz você se sentir bem, ok. Mas se é um monte de garotos ricos brancos fazendo isso, então é tão liberal quanto uma reunião sem intervalo durante uma ocupação – porque você está reproduzindo exatamente a situação que você diz estar lutando contra.

Ações que *reverberam* na insurreição devem representar parâmetros que explorem e tratem de questões palpáveis e tangíveis. Destruição sem sentido falha em alcançar este critério básico. É este tipo de coisa que é na maioria das vezes é tratada como excludente coisa de macho – correr riscos sem objetivo e estratégia claros.

E mais importante, existe o fato de que as vezes não importa qual o tipo da ação, porque outra, mais perto, mais emocionalmente saliente se sobrepõe e interfere. Você pode realmente dizer que é insignificante quando alguém não pode vir para “a rua” (ex: ação combativa) porque o cara escroto que foi brutalmente violento com esta pessoa vai estar lá? Talvez seria radical se nós fôssemos até a raiz do problema e simplesmente baníssemos o agressor para sempre, independente da sua “responsabilidade”.

O Invisible Comitee propôs que a libertação ocorre através do anonimato⁹, que deixando para trás suas responsabilidades e qualquer coisa desnecessária lhe torna livre. Mas se começarmos a entender que a identidade não é uma coisa que você compra, ou o que você faz para ganhar dinheiro, ou qualquer coisa que tenha a ver com economia, aí a gente tem que se perguntar: o que diabos é a identidade? O pessoal é político, certo, mas é o político sempre pessoal? É: são estas experiências da totalidade que provocam uma resposta emocional individual.

Eliminar essas coisas pode ser produtivo em termos de lutar contra uma opressão internalizada. Mas não podem existir comunidades onde a responsabilização é invalidada pelo anonimato como objetivo principal. O anonimato *nunca* é

harmonioso. Você é anônimo *por causa* de um conjunto de “prisões” individuais (no sentido de coisas que negam sua libertação). Em alguns casos, isso inclui a repercussão negativa que você merece – e é por isso que, neste quadro, é completamente impossível responsabilizar as pessoas por suas ações.

E mais importante ainda, as mulheres na cena nunca poderão se tornar “anônimas” enquanto os homens na cena continuarem a tratar elas como objeto sexual ou fazer elas terem que pensar sobre violência sexual em locais supostamente libertários. Nós precisamos que quando um casal hetero termina, a mulher sair da cena seja uma exceção, e não uma regra. Nós precisamos que as pessoas não desqualifiquem o feminismo como algo liberal, ou como uma desculpa para atacar os caras. A gente precisa que a responsabilização seja tratada como prioridade. A gente precisa de uma comunidade.

Solidariedade num momento específico, com um único objetivo coletivo depende de muito pouco – e vai significar muito para a insurreição revolucionária em si, mas se estamos falando sobre protestos e luta nas ruas, as políticas de solidariedade a longo prazo são mais urgentes. Enquanto o processo para libertação apoiar um objetivo comum que mais ou menos anula a necessidade de reconhecimento de identidades específicas, quando os momentos passarem, serão exatamente estes laços entre identidades específicas que farão com que o fogo continue queimando.

¹ Grito da segunda ocupação da Nova Escola e dos protestos subseqüentes que ocorreram em Nova Iorque

² nopretence.wordpress.com

³ *Totalidade*: toda manifestação opressiva e/ou hierárquica do capitalismo/desigualdade/poder. Ver no texto poético “*What is the totality?*” de Kevin Trucker.

⁴ “*How Is It to Be Done?*”, por The Invisible Comitee.

⁵ Um pensamento problemático por si só – ver em *Said the Pot the Kettle*

⁶ Veja em *This is Not a Love Story: Armed Struggle Against the Institutions of Patriarchy*.

⁷ “On Riots”, via *Utopia // Emergency*

⁸ Em “The Thing”: “*No espírito de Março Louco, Nova Iorque anuncia um torneio competitivo de ocupações... Se abster dessa competição seria intensamente contra-revolucionário. Não seja mulherzinha!*”

⁹ *How Is It to Be Done?*

Algumas observações finais, provavelmente mais em minha própria defesa do que qualquer outra coisa:

Primeiro de tudo não poderia nem deveria não ser dito que isto é escrito de uma perspectiva específica que é extremamente privilegiada e sem dúvida tendenciosa em vários sentidos. Sobretudo, assuntos e lutas de outras pessoas que não são mulheres cisgêneras que são violentamente oprimidas pelo patriarcado não foram colocados. Eu imploro que os leitores sejam lenientes em reconhecer que as razões para isso foram em função de procurar ser sucinta e não de invalidar outras lutas.

Também quando eu esclareci ou modifiquei alguns aspectos, a essência dos diálogos citados aqui foi mantida porque de fato ocorreram. Todavia, historiadorxs tomem nota: os diálogos aconteceram entre cervejas ou bebidas mais fortes (uns mais que outros) sendo assim minha memória pode estar um pouco mais distante da verdade do que não.

E finalizando, eu gostaria de colocar que eu não vejo isso como uma guerra contra os caras. Se fosse assim, a sua casa estaria pegando fogo. Isso tem a intenção de iniciar um diálogo. É claro que algumas palavras escritas nunca substituirão um a longa conversa entre muitos cigarros, mas é uma maneira imperfeita de falar sobre o problema quando é melhor usarmos nosso tempo para fazermos outras coisas. Concluindo: apareça no riseup.net, vamos conversar.